



Ryane Leão, *Tudo nela Brilha e Queima*

(Grupo Editorial Planeta, 2017, 192 pp. ISBN 978-85-422-11801)

por Francesca Santoro

Com mais de 350 mil seguidores no Instagram, Ryane Leão estreou com o seu projeto poético há dez anos em blogues online, continuou nas suas páginas de Instagram e Facebook “Onde Jazz Meu Coração” e, em outubro de 2017, publicou o seu primeiro livro *Tudo nela Brilha e Queima*.

O texto reúne mais de 170 poemas de estrutura e estilo diferentes, e poder-se-ia definir como um conjunto de afirmações poéticas e pensamentos da autora principalmente sobre a vivência das mulheres, tratando também diferentes temáticas resumidas no subtítulo “poemas de amor e de luta”.

O primeiro e fundamental tema da obra de Ryane Leão, como dito antes, são as mulheres: é a elas que a autora entrega o livro, já a partir da dedicatória “às mulheres infinitas”, não querendo com isso excluir os homens da leitura do livro, mas querendo juntar as mulheres numa voz, a sua. O intento da obra, especifica a autora em mais de um poema, é falar às mulheres e das mulheres, escrever porque as suas palavras “nunca as deixarão”, mas as acompanharão nas suas lutas. De fato, em algumas entrevistas, a autora afirma que quer escrever mesmo para que quantas mais mulheres possíveis se encontrarem nas suas palavras, acharem aí as suas histórias, sentirem-se identificadas, ajudadas; ademais, ela acrescenta que começou a escrever exatamente porque ela mesma não se sentia representada pela literatura em seu redor, admite: “tudo que eu não encontrava em outros livros, agora eu escrevo nos meus”. Relativamente a isto, em *Tudo nela Brilha e Queima* Ryane Leão escreve também poemas sobre a poesia mesma,



a forma literária na qual maiormente, diz ela, firmou a sua voz, porque ela crê nos poderes da fala poética, que se encontra em qualquer lugar, seja para curar a alma ou para a libertar. Ela ainda expõe, nos seus poemas, as intenções da sua obra: além de chegar às mulheres ela quer escrever para “quebrar correntes”, ou seja quer acabar com os padrões impostos pela sociedade, e em particular com a atual sociedade brasileira onde, ela admite, se costuma silenciar as histórias das mulheres, não lhe dar relevância. A autora em particular trata das questões relativas ao ser uma mulher negra, de fato para ela este é um rasgo fundamental da sua identidade, primário nas suas autodefinições em diferentes entrevistas ou mesmo na sua autobiografia, presente na sua página de Instagram, a qual começa com: “sou mulher preta, poeta e professora”.

Outras temáticas abordadas são por exemplo o amor maiormente desiludido, violento e abusivo, mas também erótico e de mútuo apoio; depois conta da sua família formada por “mulheres de luta”, mas sem uma figura paternal presente, ou trata da força e do empoderamento das mulheres, das suas capacidades de renascer e se redefinir; esta última temática é muito presente no texto todo e encontra o seu ponto máximo em um dos últimos poemas, uma poesia muito pessoal que diz: “meu nome significa/ o primeiro raio de sol de manhã/ sou recomeço/ sou faísca/ feixe de luz/ mas quando nasço pra valer/ posso cegar”.

Com isso é possível notar um importante elemento pessoal, todavia a capacidade de Ryane Leão está em elevar a sua experiência individual para o universal, até que, ela mesma afirma numa entrevista pela revista Globo: “Eu não posso representar todas as mulheres, mas o que estiver ao meu alcance, eu vou fazer” portanto, por exemplo, embora seja ela homossexual escreve os seus poemas de amor sem necessariamente definir se o enamorado seja homem ou mulher, e, ainda, utiliza muito os pronomes, em particular o “você” ou “vocês” para se dirigir diretamente às mulheres, para as chamar, para as reunir, não só entre eles mas também entre as mulheres do presente com aquelas do passado, pois a autora afirma que cada mulher é a continuação das suas ancestrais, as quais traçaram o roteiro do presente.

Como se deduz também do subtítulo do livro, além das temáticas acima referidas, outro elemento chave da obra é o conceito de luta, seja consigo mesma para se aceitar e amar “sigo apaixonada/ pela mulher/ que batalhei pra ser”, ou “eu que sou luta/ tenho também batalhas comigo mesma/ atrás do melhor de mim” assim como o conceito de luta em geral, para chegar a uma verdadeira revolução.

Pelo que concerne o título, *Tudo nela Brilha e Queima* é uma referência direta a dois poemas do livro: o primeiro que abre a obra, com uma autodefinição oposta à percepção dos outros, e o outro, quase no final do livro, que compara um genérico “ela” com os fogos de artifício no sentido mais negativo da metáfora: “ela parecia/aqueles/ fogos de artifício/ tudo nela brilhava/ e queimava/ antes de apagar/ e virar poeira”. Além dessas referências diretas, o livro todo é cheio de outros elementos que se referem aos campos semânticos do arder e do fogo assim como aos do ato do brilhar e do brilho como em “procura-se/quem não leve embora/ o brilho dos meus olhos”. Desses poucos exemplos apresentados, é possível observar um significativo uso da metáfora, principalmente cerca do universo (“[...] eu sou um universo/ se expandindo”) e da natureza e dos elementos da meteorologia (“sou vendaval/ e te convido/ dança comigo/ nessa tempestade/ que é ser eu?”); realmente a metáfora, junto com o *enjambement*, são as figuras de retórica mais utilizadas pela autora. Prosseguindo com



o estilo, como já dito, na obra encontramos mais de 170 poemas de métrica diferente, com versos soltos e sem rimas, alguns de três versos e seis palavras em total, outros de mais de dois páginas completas, em alguns casos, ademais, é possível até ler poemas formados por uma parte de versos e uma outra de prosa poética. Um outro rasgo da escrita de Ryane Leão é a quase ausência total de pontuação, e a total falta de letras maiúsculas, assim como, um outro elemento que é presente só numa minoria de poemas é o título, que, quando presente, contribui para o sentido do poema. A de Ryane Leão é também uma poesia muito concreta nos conceitos que evoca, com uma forte referência aos sentidos, especialmente o tato, o ouvido e a vista; em particular, este último é estimulado também pelos seis desenhos presentes no texto realizados pela ilustradora Laura Athayde que de alguma forma representam figurativamente as imagens que a autora também desenha, mas com as palavras.

Francesca Santoro
Università degli Studi di Milano
santoro.francesca@live.com